

## VOZES NEGRAS FEMININAS DA AMÉRICA LADINA

Direitos Humanos e Justiça

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

CRISTINO, A. B. F.<sup>1</sup>; SOUZA, A. M.<sup>2</sup>; ALVES, J. B.<sup>3</sup>

### RESUMO

O projeto de extensão “Vozes Negras Femininas na América Ladina” nasce da união com o projeto de pesquisa “Mulheres Negras entre fronteira: Políticas Públicas e Espaços Sociais de Atuação” e tem como objetivo visibilizar os trabalhos e atuações de mulheres negras em movimentos de resistência nos espaços e contextos em que estão inseridas. Reúnem-se mulheres do Brasil (Foz do Iguaçu), Paraguai, Argentina e Colômbia, criando um espaço de visibilidade dentro e fora da universidade, para que as mulheres narrem suas trajetórias de vida, suas produções artísticas ou intelectuais, militâncias, movimentos políticos e religiosos. A base teórica de desenvolvimento do projeto conta autoras, mulheres negras, como Lélia Gonzalez (1988), Conceição Evaristo (2017), Beatriz Nascimento (2018) entre outras. A finalização do projeto se deu com a publicação de um livro escrito em conjunto com todas as 43 mulheres envolvidas, lançado pela Editora Dandara em maio de 2022.

**Palavra-chave:** Mulheres negras; Escrivência; Aquilombar.

### 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres negras estão permanentemente lutando contra a “objetificação” de seus corpos, a violência de gênero e o racismo. E é com o objetivo de conhecer e visibilizar essas vivências, vozes, diálogos que atuamos no projeto com todas essas mulheres da América Ladina (GONZALEZ, 1988). Reuniram-se 43 mulheres para tecer um livro guiado pelos passos de Conceição Evaristo (2017) quando trata do conceito de escrivência, que conforme Pinto (2019):

---

<sup>1</sup> Anna Beatriz Fernandes Cristino, bolsista PROEX-UNILA (aluna, antropologia).

<sup>2</sup> Angela Maria de Souza, coordenadora (servidor docente).

<sup>3</sup> Júlia Alves Batista, co-coordenadora (servidor docente).

A escrivência conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá através da nossa vivência, seja coletiva ou particular sobre nós mulheres negras. Para tanto escreverei sobre as histórias não só de mulheres negras, mas dos meus familiares e vizinhos que também são a minha história. (PINTO, 2019).

Foz do Iguaçu, espaço onde nasce a ideia do projeto, possui uma população estimada em 256.088 (IBGE 2010) e por ser uma cidade brasileira de tríplice fronteira com Paraguai e Argentina, registra um intenso movimento populacional migratório. Em torno de 36% de sua população se autodeclaram pretas e pardas, o que representa aproximadamente 90 mil habitantes. As mulheres ocupam cerca de 51,50% desta população, ou seja, a maioria.

Estes dados nos trazem algumas indagações sobre a população da cidade e da região da fronteira, já que este é um número bastante expressivo, considerando que Foz do Iguaçu é uma cidade da região sul do país. Quem são as mulheres neste contexto sócio-cultural da fronteira? A que movimentos pertencem? Que políticas públicas atingem estas mulheres e que resultados trazem? Como se posicionam com relação às políticas públicas? Estes são alguns dos questionamentos que afloram e que fazem parte das problematizações deste projeto. (SOUZA, 2020, p.X)

O projeto de extensão reúne resultados e demandas advindas de pesquisas desenvolvidas por mulheres negras acadêmicas, ou não, mas com trabalhos que são referência à população negra/afrodescendente da cidade. Na trajetória do movimento negro da UNILA, oportunidades de interlocuções com outros diversos projetos em países vizinhos como por exemplo na Argentina, "*Afrodescendientes Misioneros - Memoria, Identidad y Dignidad*" localizado em Posadas – Misiones. No Paraguai com a Comunidade Kamba Kua - na cidade de Fernando de la Mora. O número de estudantes colombianos destaca-se em 3º lugar no ranking de nacionalidades presentes na UNILA, abaixo apenas de Brasil e Paraguai segundo o Relatório Integrado de Gestão da UNILA (2020/21). Sem dúvidas, essa relação possibilitou a construção de diversos projetos e interações, tais como a participação da Sra. Virgelina Chará, da Unión de Costureros durante a IX Semana de Consciência Negra (2019) e a realização de uma oficina virtual intitulada "A 'dor' um lugar de fala, um lugar de

cura! Las pedagogías de la Memoria, una estrategia de construcción de paz en Colombia” durante o Curso de Extensão: Educação para as Relações Étnico-Raciais: à implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 no currículo escolar na região oeste do Paraná (2020).

## **2 METODOLOGIA**

Ao decorrer do processo acontecem seminários internos com a equipe do projeto de extensão e de pesquisa, encontro semanais com definição prévia da bibliografia a ser lida e discutida ou para dialogarmos sobre questões organizacionais. Conjuntamente a essa primeira etapa realizaremos os encontros virtuais entre as participantes da comunidade externa e interna, com as seguintes datas:

- 1. 21 de março - Dia de Internacional de Luta contra a Discriminação Racial**
- 2. 21 de maio- Dia da população Afro-colombiana**
- 3. 25 de julho- Dia da Mulher Afro-Latino- Americana e Caribenha**
- 4. 23 de setembro - Dia da população Afro-paraguaia**
- 5. 08 de novembro - Dia da população Afro-argentina**
- 6. 20 de novembro - Dia da Consciência Negra no Brasil**

Além dos conceitos já citados foram fundamentais conceitos como interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019), quilombamento (NASCIMENTO, 2018), Outsider Within (COLLINS, 2018) para a construção de uma metodologia de leitura, compreensão e principalmente, de escrita interdisciplinar, antirracista, antimachista e decolonial com perspectiva amefricana.

A escrita foi realizada em duplas ou trios para que uma mulher pudesse se aprofundar e se encontrar na vivência da outra para produzir o artigo. Ao longo do processo, ocorreram reuniões para compartilhar dúvidas, angústias, alegrias, resolver pendências e trabalhar conjuntamente. Os artigos entregues, foram revisados, organizados, reunidos em um copião e enviado para a editora para avaliação e aprovação. Em todas as etapas, foi super importante que mantivéssemos o diálogo aberto, nos encontrando virtualmente sempre que possível, pois foi um processo muito intenso que requereu muito afeto, cuidado e estudo.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após um ano intenso de trabalho, edições, revisões em contato com a Editora Dandara, no mês de maio de 2022 aconteceram os dois primeiros eventos de lançamento do livro intitulado “Vozes Mulheres da América Ladina” organizado pelas Profas. Angela Maria de Souza, Julia Batista Alves e Flávia Dorneles. Ambos eventos aconteceram em casas de Axé que marcaram presença na publicação e nos abriram as portas para celebrar a finalização desse trabalho, o Ilê Asé Oju Ogún Fúnmilayó de Mãe Marina, Mãe Crica e Mãe Roberta e o Ilê Asé Baru de Mãe Edna. Também houve um lançamento na cidade de São Paulo, organizado pela própria editora, que contou com a presença das escritoras participantes que moram no estado.

Os eventos de lançamento reuniram muitas pessoas que se identificavam com a publicação e que de uma forma ou outra participaram do processo, colocando em prática o conceito de Aquilombamento de Beatriz Nascimento. O livro está disponível para compra no site da Editora Dandara e é enviado para todos os estados do Brasil.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todo o processo foi realizado com auto avaliação perante o desafio que é externalizar as mais diferentes vivências, falar sobre a outra sem tomar o lugar de fala dela e principalmente olhar para si mesma a partir do olhar da companheira. O impacto dos aprendizados vindos dessa experimentação na formação acadêmica das mulheres que frequentam esse ambiente é imensurável quando falamos de mulheres negras aprendendo e ouvindo com mulheres negras, abrindo e traçando caminhos para unir vozes e que assim, cada vez mais mulheres tenham acesso à suas próprias histórias.

São trabalhos que não só precisam ser reconhecidos, mas valorizados e incentivados para que haja cada vez mais impacto significativo na vida da população. São vozes que foram caladas e violentadas que encontram em si mesmas, em seus antepassados e na história de seu povo, a força para lutar.

### **REFERÊNCIAS**

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo - Sueli Carneiro: Polén, 2019.

COLLINS, P. H. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado (2016).

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e outros movimentos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo brasileiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)> Acesso em 28 de setembro de 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

PINTO, Naiane Jesus. **Território Falante: uma escrevivência das experiências e (r) existências do Quilombo Dom João**. 2019.

UNILA. **Relatório Integrado de Gestão, 2020**. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/institucional/arquivos/relato-integrado-de-gestao-2020.pdf>> Acesso em 28 de julho de 2020.